


Mediação cultural no sertão nordestino: o caso da *Coleção Mossoroense* e seu fundador Vingt-un Rosado

 Francisco Fabiano de Freitas Mendes*

Resumo: a história intelectual estuda as ideias, seus veículos e os protagonistas que em torno delas debatem. O presente artigo traz a atuação de Jerônimo Vingt-un Rosado, mediador cultural no interior do Rio Grande do Norte que idealizou e construiu a *Coleção Mossoroense*, apanhado de obras tão multifacetado em sua forma e conteúdo quanto unitário em relação a seu projeto político-cultural. A investigação horizontal do acervo revela o enfeixe sem forma de textos desconexos sob o selo de uma coleção que era ao mesmo tempo sua própria editora. Somente na investigação vertical se consegue ver blocos temáticos consistentes, textos significativos e a trajetória do coordenador geral do projeto. A mediação cultural de Vingt-un, numa atuação de quase seis décadas é, portanto, rica oportunidade de aliar os campos da história intelectual e política por meio da investigação da ideia escrita.

Palavras-chave: Mediação Cultural, Coleção Mossoroense, Intelectuais e Poder.

Mediación cultural en el interior del nordeste brasileño: el caso Vingt-un Rosado y la *Coleção Mossoroense*

Resumen: La historia intelectual estudia las ideas, sus vehículos y los protagonistas que debaten a su alrededor. El presente artículo aborda la actuación de Jerônimo Vingt-un Rosado, mediador cultural en el interior del Rio Grande do Norte que planificó y construyó la Colección Mossoroense, un conjunto de obras tan polifacético en su forma y contenido, cuanto unitario en relación con su proyecto político-cultural. La investigación horizontal del acervo revela un agrupamiento sin forma, de textos desconectados bajo el sello de una colección que era al mismo tiempo su propia editora. Solo con la investigación vertical es posible ver bloques temáticos consistentes, textos significativos y la trayectoria del coordinador general del proyecto. La mediación cultural de Vingt-un, en una actuación de casi seis décadas es, por lo tanto, una rica oportunidad de unir a los campos de la historia intelectual y política por medio de la investigación de la idea escrita.

Palabras clave: Mediación cultural, Coleção Mossoroense, Intelectuales y Poder.

* Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo – USP. Professor Adjunto do Departamento de História da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN – Campus Central – Mossoró-RN. Professor permanente do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais e Humanas – PPGCISH. Professor permanente do Mestrado Profissional em Ensino de História – PROFHISTÓRIA. Pró-reitor Adjunto de Extensão – PROEX/UERN, desde janeiro de 2015. E-mail: fabianomendes@uern.br



Escritor? Não.
Trabalhador braçal da cultura? Sim.
Trabalhador por Mossoró? Sim.
(Rosado, 1998: 02-03)

Jerônimo Vingt-un Rosado (1920-2005), agrônomo e político, natural da cidade de Mossoró no Rio Grande do Norte, foi o responsável pela idealização, montagem, manutenção e, principalmente, diretriz da *Coleção Mossoroense*, um selo editorial que teve as atividades iniciadas em fins dos anos 40 do século passado, em Mossoró e, embora com menor volume e impacto, permanece em atividade. Com mais de 4.000 títulos, a *Coleção Mossoroense* se constitui como uma das maiores coleções bibliográfica já produzidas por um único selo editorial.

É possível que o termo diretriz não se aplique de forma plena à condução da instituição responsável pela produção e circulação de saberes que teve, de início, o propósito claro de solidificar uma política cultural, sobretudo, frente à prefeitura de Mossoró e que acabou por se tornar uma força disforme e de crescente abrangência que serviu à impulsão ao cenário político regional e nacional de membros da família Rosado. Ainda assim, dentre os vários veios da *Coleção Mossoroense* também se destacava o papel de fazer dela o contundente meio local de divulgação científica, principalmente nos 1970 e 1980, acomodando e ajudando a moldar o processo de instalação de instituições de ensino superior na cidade, desde o final dos anos 1960. Foi o caso da Escola Superior de Agronomia de Mossoró (ESAM), hoje a Universidade Federal do Semiárido (UFERSA) e da Universidade Regional do Rio Grande do Norte-URRN – hoje Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN.

Portanto, é seu “lugar”/ponto de partida o que possibilita manter o termo que sugere um caminho minimamente dirigido no que diz respeito à condução da *Coleção Mossoroense*. Vingt-un, o caçula entre os vinte e um irmãos do Clã Rosado – uma família constituída em grupo político que desde o início do século XX influencia a vida política local –, estruturou a construção de uma imagem para a cidade e para a região, que aglutinava o cantar de

loas a vultos, a descrição das riquezas, mas principalmente a vocação para liderança regional.

O longo sucesso, o grau de penetração nas elites econômica e política, e a forte atuação em instituições locais, estaduais e mesmo nacionais da família Rosado só podem ser compreendidos por meio da atuação de Vingt-un Rosado como o responsável, por meio das obras publicadas na coleção, pela construção de um imaginário cravado na história de Mossoró e do Rio Grande do Norte a partir de três Mossorós cantadas e recantadas. A cidade da liberdade (primeira a abolir a escravidão na província do Rio Grande do Norte, em 1883), com obras como *A abolição, festa da inteligência* (1965), de Vingt-un Rosado; *Do "Navio Negreiro" aos 30 de setembro - o culto da liberdade na voz de dois poetas* (1980), de Walter Wanderley e *Auto da Liberdade* (1999), de Crispiniano Neto. A cidade da resistência (a derrota aplicada ao bando de cangaceiros liderado por Lampião, em 1927) com obras como *Lampião em Mossoró* (1956), de Raimundo Nonato; *O ataque de Lampião a Mossoró através da Literatura de Cordel* (1983), de Veríssimo de Melo e *Mossoró: Uma Obra à Resistência e a Liberdade* (2002), de Raimundo de Oliveira. E a cidade do pioneirismo (primeiro voto feminino do Brasil, em 1928 e pioneirismos na economia), com obras como *A coragem de ser mulher* (1966), de João Batista Cascudo Rodrigues; *A hegemonia da eleitora* (2001), de William Robson e *Um mossoroense pioneiro do cooperativismo* (1966), de José Gomes Neto. Deste modo, Vingt-un se encaixa perfeitamente na formulação de Angela de Castro Gomes sobre o mediador cultural: "homens da produção de conhecimento e comunicação de ideias, direta ou indiretamente vinculados à intervenção político-social" (2016: 10).

A definição ampla de mediador cultural pede a verificação de elementos que Jean-François Sirinelli chamou de "invariantes", que baseiam uma "definição de geometria variável" da definição mais abrangente ainda de intelectual (2003: 242).

Segundo Sirinelli essas invariantes concorrem para o entendimento de "duas acepções do intelectual, uma ampla e sociocultural, englobando os criadores e os 'mediadores' culturais, a outra mais estreita, baseada na noção

de engajamento” (*Idem*). Ainda de acordo com Sirinelli, a primeira acepção engloba os professores, os escritores, os criadores, os “mediadores em potencial”. A segunda acepção engloba aquele que performa na “vida da cidade como ator – mas segundo modalidades específicas, como por exemplo a assinatura de manifestos – testemunha ou consciência” (2003: 242-243). Vingt-un Rosado comporta as duas acepções.

E se o foco recair sobre o Vingt-un da *Coleção Mossoroense*, a definição final de Sirinelli, em consonância com a de Angela de Castro Gomes, o classifica ainda como detentor de notoriedade e/ou especialização “reconhecida pela sociedade em que ele vive – especialização esta que legitima e mesmo privilegia sua intervenção no debate da cidade –, que o intelectual põe a serviço da causa que defende” (Sirinelli, 2003: 242).

É essa estrutura de doação e recebimento em relação à história, aos problemas e potenciais da cidade que sustenta a afirmação presente na epígrafe desse texto: “Escritor? Não. Trabalhador braçal da cultura? Sim. Trabalhador por Mossoró? Sim” (Rosado, 1998: 02-03). A ideia por trás do termo escritor (não escrevedor) que habitava a cabeça de Vingt-un, muito provavelmente estaria associada exclusivamente à esfera artística (e essa ainda compreendida sob a visão que atrela ficção à inverdade e ao distanciamento da realidade social). Acontece que não sendo um escrevedor de ficções, mas um escritor de temas científicos, memorialísticos e principalmente de estratégias político-culturais, o coordenador da *Coleção Mossoroense*, ainda de acordo com Angela de Castro Gomes, faz parte de um grupo de sujeitos sociais que

podem e devem ser tratados como atores estratégicos nas áreas da cultura e da política que se entrelaçam, não sem tensões, mas com distinções, ainda que historicamente ocupem posição de reconhecimento variável na vida social (2016: 10).

A estruturação necessária para o sucesso do projeto político-cultural mediado por Vingt-un, se deu a partir da virada do século XIX para o XX, e seu entendimento passa pelo reconhecimento de vários outros personagens da família Rosado. Como o nome sugere, Vingt-un, foi o vigésimo primeiro e último filho de Jerônimo Ribeiro Rosado e Isaura Rosado Maia, sua segunda

esposa. A convite de um amigo cearense para ser sócio na instalação de uma farmácia, em 1890, o patriarca da família Rosado se mudou de Pombal, na Paraíba, para Mossoró. Na nova cidade, aproveitando a posição de empresário, aliou-se às lideranças políticas locais. Com a experiência que tivera como fiscal da iluminação pública, no Rio de Janeiro, Jerônimo Rosado se destacou como empreendedor e negociante de oportunidades, conjugando serviços públicos e iniciativa privada, chegando mesmo a assumir a intendência do município em mais de uma ocasião, entre 1917 e 1922 (Felipe, 2001; Fernandes, 2010).

Essa é a raiz do poder econômico. Mas foi a agressiva atuação política do pai Jerônimo Rosado, somada a proeminência política alcançada por muitos dos irmãos Rosado desde a virada da primeira para a segunda metade do século XX, que fez o protagonismo da família permanecer pungente no cenário da política regional, o que pode ser visto ainda hoje. Liderados em um primeiro momento por Dix-sept Rosado, o décimo sétimo filho de Jerônimo Rosado, a penetração dos irmãos em espaços estratégicos para a manutenção do poder local pode ser vista no levantamento feito por Lacerda Felipe:

NOME	CARGO	MANDATOS
Dix-sept Rosado	Prefeito de Mossoró	1
	Governador do RN	1
Dix-huit Rosado (médico)	Deputado estadual	1
	Deputado federal	2
	Senador	1
	Presidente do INDA – Instituto Nacional do Desenvolvimento Agrário	Durante o governo Costa e Silva.
	Prefeito de Mossoró	3
Vingt Rosado (farmacêutico)	Vereador em Mossoró	2
	Prefeito de Mossoró	1
	Deputado estadual	1
	Deputado federal	7

Ainda de acordo com o Levantamento de Lacerda Felipe, os atores que não eram políticos profissionais também exerciam papéis estratégicos. É nesse rol que Vingt-un se encontra:

Vingt-un (agrônomo), Dix-neuf e Duodécimo compunham o sustento financeiro do grupo, cuidando das empresas da família (gesso, sal e oficinas retificadoras de motores), mas Vingt-un exerceria também uma outra função, a de intelectual do grupo e homem ligado à educação que propõe, através dos livros publicados pela Coleção Mossoroense, “esculpir a história da cidade”, realçando os seus mitos e sua ética de lealdade ao lugar (Felipe, 2001: 88-96).

Os Rosado com maior alcance político na década de 60, Vingt e Dix-huit, estiveram presentes em Brasília no contexto do golpe civil-militar que instalou o regime ditatorial em 1964. Eles foram lembrados por Robert Bentley, um dos secretários estadunidenses que compunham o *Embassy Office* – que estava encarregado de promover a aproximação entre os parlamentares e o escritório de representação dos interesses dos Estados Unidos –, provavelmente pelo exotismo dos nomes em numerais franceses (Fico, 2008: 106).

Mas seus nomes não ficaram somente na lembrança do secretário Robert Bentley. Foram lembrados pelos presidentes dos governos militares e fizeram o papel de catalizadores e transformadores de recursos em equipamentos para o estado, a região e, sobretudo, a cidade de Mossoró. Vingt-un ficou encarregado de efetivar o funcionamento de alguns desses equipamentos, a maioria deles voltados para a área da educação.

É importante lembrar que Vingt-un não caiu no projeto da família como se fosse um movimento natural movido pelo parentesco tão somente, não foi um arranjo ou um encaixe providenciado para que ninguém do grupo político ficasse de fora. Se, a partir de 1948, foi ladeado pelos irmãos Dix-sept, à frente da prefeitura municipal, e por Dix-huit, atuando na Assembleia Legislativa, começando o jovem de 28 anos sua vida de homem da cultura e da educação na administração pública, essa colocação se deu, entre outros motivos, pela visibilidade adquirida na produção de seu primeiro texto de fôlego, o livro “Mossoró”, de 1940. O texto de estreia recebeu de Câmara Cascudo a seguinte crítica:

É a história de Mossoró. A primeira tentativa de sistematização incompleta, corrigível, provisória, mas veemente, ampla, olhando todos os ângulos do assunto. Antes desse rapaz, recém-saído do Ginásio Diocesano Santa Luzia, Mossoró possuía documentos, artigos esparsos, papéis espalhados,

informações nas memórias velhas, crônicas nos jornais esquecidos. Nada coerente, contínuo, articulado (Casculo apud Rosado, 1993: 05).

A crítica do já renomado etnógrafo Câmara Casculo, naquela altura em vias de sacração como 'o historiador do Rio Grande do Norte', provocou efeitos relevantes na aceitação e circulação de Ving-un nos círculos letrados da época. Antes, porém, em 1935 já animava periódicos locais, como *A voz do estudante*, do Centro Estudantil Mossoroense, publicando textos como *Miguelinho e a revolução de 1817*, o que demonstrava o gosto pela história local e a inclinação à popularização de vultos. Esta seria, aliás, uma das marcas que acompanharam seus textos não puramente técnicos.

A atuação de Vingt-un Rosado como intelectual mediador cultural também deve ser analisada a partir do escopo da História Pública – menos como produtor rival de um tipo não acadêmico de história pública, importante questão em pauta para a historiografia especializada (Albiere, 2011: 19-27), e mais como objeto da história a partir do domínio da ação dos agentes sociais e seus discursos, reconhecendo-se a tradição de explicadores e construtores de sentido da história brasileira, até poucas décadas carente de universidade.

Daí em diante, após a temporada de estudos, entre 1940 e 1944, na Escola Superior de Agricultura de Lavras – ESAL, no interior de Minas Gerais, onde foi um dos responsáveis pela construção da sede do Centro Acadêmico e atuou como bibliotecário do espaço que ajudou a construir, Vingt-un passou a aliar o gosto por escrever suas ideias e registrar histórias ao de montar espaços de leitura e completar coleções bibliográficas.

Na administração de Dix-sept como prefeito, a ação chamada "Batalha da Cultura" começou com a instalação, quase que simultânea à posse do prefeito, da Biblioteca Pública Municipal e de uma Biblioteca infantil. Depois veio a instalação improvisada do Museu Público Municipal nos salões de um clube, o Ipiranga, então alugado à prefeitura. Paralelo à essas ações estava o *Boletim Bibliográfico*, publicação mensal que trazia algum estudo técnico ou científico sobre Mossoró e o interior do estado.

Foi a partir do *Boletim Bibliográfico*, periódico que circulou entre setembro de 1948 e março de 1961, que começou a construção discursiva de uma capital regional no interior:

Sob a direção de Assis Silva e Romeu Rebouças, continua a circular mensalmente o *Boletim Bibliográfico*, cujo número de fevereiro corresponde ao vigésimo primeiro. A partir de setembro, foi adotado o tamanho ofício. Os 12 números últimos publicaram trabalhos de muito valor sobre o município e também sobre a região Oeste do Estado (Rosado, 1997: 07).

A expressão Oeste Potiguar passou a ganhar força, chegando a ter, a partir de 1957, um veículo próprio para definir essa ideia: o Instituto Cultural do Oeste Potiguar-ICOP que, até hoje na ativa, também foi idealizado por Vingt-un Rosado em parceria com João Batista Cascudo Rodrigues, que cerca de dez anos depois viria a ser o primeiro reitor da Universidade Regional do Rio Grande do Norte-URRN – hoje Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN, instituição que nos primeiros momentos também contou com a colaboração de Vingt-un, como dito anteriormente.

A vocação de exportar discursivamente a pequena experiência local em um movimento que era ao mesmo tempo de autoengrandecimento e de convencimento das outras forças políticas do estado pode ser visto no discurso pronunciado por Vingt-un no Primeiro Congresso Municipal Norterio-grandense, realizado em 1949, quando o Programa Mínimo de Cultura foi apresentado e sugeriu-se sua ampliação e replicação: “a experiência mossoroense, na matéria, contando com pouco mais de um ano, poderá ser seguida, com maior ou menor amplitude pelas demais Prefeituras” (Rosado, 1991: 03). Dentre as “demais prefeituras” estava a da capital do Estado, chamada a constituir com Mossoró uma espécie de Departamento Intermunicipal de Cultura. A ideia era reunir, “com o mínimo de burocracia e o máximo de trabalho”, as experiências das duas cidades na área de cultura num “órgão centralizador [sic], que melhor rendimento poderia dar ao seu trabalho de difusão cultural” (Rosado, 1991: 09).

A inspiração foi o Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal de São Paulo, cujo primeiro diretor foi Mário de Andrade. Sutilmente, o responsável pela pasta de cultura do município de Mossoró estava insinuando

que, a despeito da capital política do estado, havia uma capital cultural no interior. Mossoró, já convencida de ser essa capital, propunha a divisão da responsabilidade do setor cultural entre as duas capitais.

Para Vingt-un, o coração de um programa mínimo de cultura ideal seria a Biblioteca Pública Municipal. A ela se agregariam a biblioteca infantil, o Conselho Municipal de Cultura e o Museu Municipal. Sobre os museus, Vingt-un destacou no plano a necessidade de três museus temáticos que instalados estrategicamente cobririam as principais regiões do estado:

O museu de MOSSORÓ procuraria se especializar cada vez mais em ARQUEOLOGIA E PALEONTOLOGIA DO RGN, o MUSEU DE NATAL seria um verdadeiro Museu Social do Estado e o MUSEU DE CURRAIS NOVOS estudaria de preferência a GEOLOGIA e a MINERALOGIA da Província (Rosado, 1991: 08-09).

Do Boletim Bibliográfico brota, em 1949, a *Coleção Mossoroense*, dividida em duas séries: a SÉRIE A - textos mimeografados; e a SÉRIE B - folhetos. Em ambas as séries há textos de Vingt-un: *Os silvícolas brasileiros e o preformismo* (Vol. III - Série A); *Um possível caso de telegonia entre os nossos indígenas*, mencionados por Anchieta (N. 1 - Série B) e *Um precursor mossoroense do cooperativismo* (N. 4 - Série B).

Os dois primeiros citados têm presença explicada na fórmula mesma de estabelecer contato com discurso etnográfico formatado pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. O terceiro é sobre o meio irmão, Tércio Rosado, fundador, em 1915, de uma cooperativa de comércio chamada "Mossoró Novo". Com citações de Felipe Guerra, datadas do mesmo ano, e tendo em anexo um texto do próprio Tércio Rosado, de 1949, a plaqueta, reeditada em 1992, é um exemplo de como Vingt-un conduzia a rememoração seletiva que circulava em textos e discursos pronunciados em momentos cruciais de renovação da imagem de uma cidade que, graças aos Rosado, estaria fadada ao sucesso. A estratégia reflete aquilo que Daniel Pécault definiu como "uma vocação para elite dirigente", com o afastamento de uma observação de gabinete e a aproximação de uma ciência do social, de "setores do conhecimento do real" (1998: 21-22).

Os aspectos da trajetória de Vingt-un até aqui traçada sugerem que para divisar a atuação do intelectual é indispensável que se observe a potencialidade de seu discurso em se constituir farol representativo e como sua atuação, equilibrada entre o intelectual e o homem público, consorciou-se ao papel de ser guardião de uma memória que ele mesmo ajudou a engendrar de modo interessado por meio de um discurso repleto de termos dramáticos como “saga” e “batalha”. Noutras palavras, ao se debruçar sobre produtos culturais de uma elite letrada, deve-se levar em conta duas diligências.

A primeira, voltada para a atuação do sujeito, aqui sintetizada na observação de Jean-François Sirinelli: “uma história dos letrados demasiado dissociada da sua história propriamente intelectual levaria a uma supressão epistemológica nociva” (Sirinelli, 1998: 271). A segunda, que parte de uma série de observações de Antoine Compagnon sobre o texto literário (2010: 49-52; 83-91; 97-119; 196-211), chama a atenção para o potencial primário do texto: quanto mais for possível se aproximar do efeito primeiro que as palavras tiveram sobre seu presente, quando de seu surgimento e registro, melhor. Se essa última observação, de acordo com Compagnon, é importante para a análise do texto literário levando-se em conta a questão do autor, da intenção e do sentido, o que dirá do texto que, sem ser artístico precisa, a seu modo, encantar, convencer, agregar?

Um exemplo que pode unir essas duas dimensões é a plaqueta de 1995 sobre um avô de Rachel de Queiroz, que frequentara o que Vingt-un chamou de “elite intelectual da Mossoró de 1915”. O interessante é que a plaqueta começa com uma carta enviada à autora d’*O Quinze*:

Rachel:

Melquíades Pinto Paiva, um grande cientista dos seus pagos e do Brasil, aproximou-nos.

Você me mandou um presente régio para os meus 70 anos: "O QUINZE", na sua 43ª edição, com uma dedicatória generosa:

"Ao professor Vingt-Un Rosado, grande animador cultural do nosso Nordeste na sua data aniversária, os cumprimentos de quem muito o admira. Rachel de Queiroz. Rio, agosto, 1990."

Quase 5 anos depois, venho retribuir a sua bondade, falando do seu avô, Rufino Franklin de Lima, na sua breve passagem pelo meu país de Mossoró.

Vingt-Un Rosado (Rosado, 1995: 03).

O mesmo engenho ele utilizou com outros autores, contemporâneos ou não, que a partir de uma mínima relação direta ou indireta com Mossoró foram contemplados com algum registro dentro da *Coleção Mossoroense*. Nesse texto específico para Rachel de Queiroz houve uma sofisticada engenharia envolvendo personagens, temporalidades e registros.

Primeiro, a transcrição da dedicatória da escritora, que atesta o sentido do texto-presente. Em seguida, a nota de agradecimento a Paulo de Brito Guerra, filho de Felipe Guerra, um constante frequentador da *Coleção Mossoroense* com vasta produção de textos sobre as secas, as características do sertão nordestino e políticas públicas para a economia do Nordeste. O trabalho do filho de Felipe Guerra foi colher informações a partir do acervo do pai. Por fim, o texto em si, que é uma monografia sobre a participação do avô da escritora, o engenheiro Rufino Franklin de Lima, superintendente da construção da estrada de ferro de Mossoró-Alexandria.

O afago memorialístico feito à escritora trazia passagens de depoimentos de membros do que Vingt-un chamava de "elite de 1915". Amplamente documentado, o texto é sobretudo um meio de unir a cidade de Mossoró, o estado do Ceará, o Trem, O Quinze, a Escrita, e o próprio Vingt-un em uma celebração ao engenho das elites no enfrentamento das questões do sertão.

Os exemplos acima, o texto sobre Tércio Rosado e o texto sobre o avô de Rachel de Queiroz, são dois dos muitos momentos da Coleção alimentando e se alimentando de uma rede de informações e, mais importante, de colaboradores orbitando em torno da figura de seu coordenador. Sobre os colaboradores e o volume de títulos publicados, os números levantados impressionam.

Da lista de mais de 4.000 mil títulos Vingt-un figura como autor, coautor ou organizador de cerca de 550 obras (mais ou menos 200 títulos da Série C e mais de 300 plaquetas da Série B); ele também foi o responsável pela publicação de obras

(acadêmicas ou não) de mais de 200 novos escritores; e na coleção contam centenas de títulos (técnicos ou acadêmicos) das Ciências Exatas e da Terra, Ciências Biológicas, Engenharias e Ciências Agrárias. Portanto, o gigantismo dos números e a variedade de focos flagram a atuação de um intelectual interessado, antes de tudo (ou apesar de tudo), na difusão das letras (Mendes, 2018: 50-51).

A coleção tem início dentro da prefeitura de Mossoró, passando, em 1974 a se instalar e ter apoio financeiro da Escola Superior de Agronomia de Mossoró-ESAM, também criada por Vingt-un, em 1967 – hoje Universidade Federal Rural do Semi-Árido-UFERSA. A terceira etapa da editora começou em 1995, quando foi criada a Fundação Vingt-un Rosado e os convênios e parcerias passaram a acontecer também com as empresas instaladas no município, principalmente a Petrobras.

Na década de 1970, a família Rosado comprou o jornal *O Mossoroense*, fundado em 1872, um dos mais antigos do Brasil – hoje funcionando apenas em plataforma digital. Com tal aquisição, a *Coleção Mossoroense* passou a investir mais fortemente na produção de plaquetas (Série B), o que oportunizava o retorno das matérias publicadas no periódico diário em um outro formato, em outro suporte e com novas finalidades.

Exemplo máximo do projeto foi a Noite da Cultura. Motivo de orgulho pessoal do seu idealizador e principal colaborador, a Editora *Coleção Mossoroense* chegou a lançar em uma única noite, mais especificamente a 17ª Noite da Cultura, em 25 de setembro de 1991, um conjunto de 400 títulos editados em um período de um ano. Obviamente o registro de tal feito acabou se tornando uma nova plaqueta, que anos depois viria a ser lançada (1998), provavelmente aproveitando matérias saídas n'O Mossoroense quando do evento e engrossando a lista de títulos da própria coleção enquanto reavivava os feitos do patrono e, por conseguinte, da família e seu tino para deixar Mossoró em destaque estadual e nacional.

A estrutura atual da coleção, após 70 anos é a seguinte:

- A - Folhetos de grande formato
- B - Plaquetas
- C - Livros
- D - Cordéis
- E - Periódicos

F - Memorial dos Mossoroenses
G - Falas e Relatórios dos Presidentes da Província do RN
(Felipe, 2001: 118).

Produzindo os próprios livros aparentemente de forma caótica e com variados formatos, chamados de séries (não-temáticas), a coleção, que também é editora e hoje, juridicamente, pertence a uma fundação sem espaço físico próprio, é ao mesmo tempo um ajuntamento de temas dos mais variados interesses, um veio por onde escoam discursos inéditos ou se requebra textos já publicados, uma janela de divulgação científica (durante muito tempo praticamente a única em Mossoró) e uma forma de se fazer política cultural em nome de uma cultura política forjada durante décadas por intelectuais locais – homens da ciência e do campo universitário que em suas ações emblemam a questão da posição moral a eles atribuída ou por eles abraçada que parece os equidistar entre a cultura e a política (Bobbio, 1997: 21-23).

Esse movimento de retroalimentação, essa intimidade construída por meio de troca e divulgação de ideias atravessa muitos dos textos da coleção em um nítido retorno (ou contribuição) ao campo da política, inclusive, partidária, campo em que o próprio Vingt-un se aventurou diretamente em 1968, numa malograda eleição para prefeitura, quanto perdeu por menos de 100 votos. Tendo passado duas décadas na vitrine da intelectualidade local e na linha de frente das ações do grupo político com atuação no campo da educação e da cultura, soube capitalizar a derrota colando-a à própria imagem de ponto fora da curva no gráfico de detentores do poder local, chegando a colocar em seu currículo o item “candidato derrotado a prefeito de Mossoró em 1968” (Fernandes, 2010: 84-85).

A atuação nas universidades foi outro ponto fundamental na difusão do conhecimento aliada à manutenção do projeto político-cultural original. Vingt-un sustentou o veio científico das publicações, a realização de eventos acadêmicos de alcance nacional que alimentavam os livros e plaquetas em períodos posteriores, seguindo o *modus operandi* em pregado na editora. Congressos, simpósios e seminários, como o Congresso Nacional de Botânica,

1974; Congresso Brasileiro de Zoologia, 1980; I Congresso Brasileiro de Agrometeorologia, 1979; Congresso Brasileiro de Fitopatologia, 1975; Congressos Brasileiro de Florestas Tropicais, 1975 e 1976, tiveram seus resumos e anais publicados na coleção e, com efeito, serviram de matéria para uma obra posterior que os comentava como conquista.

Quando Vingt-un cravou a expressão “País de Mossoró”, xistosa e provinciana, mas que a ela se junta a observação de toda a atmosfera construída a seu redor, percebe-se como as chaves interpretativas desenvolvidas por Koselleck (2006: 305-327) também podem ser aplicadas: conhecimentos de variados graus de proximidade do passado num exercício de “espaços da experiência” com a finalidade de usar esse conhecimento para possibilitar um “horizonte de expectativa”.

Poucos meses antes de sua morte, disse o idealizador da cultura letrada, da história pública, e do projeto político-cultural mossorenses: “as prioridades da Coleção Mossoroense: Mossoró, Rio Grande do Norte, Nordeste, Semi-árido, Brasil”. E continuou, como que fazendo um relatório sobre uma tarefa que lhe fora dada: um inventário de livros nacionais na área de ciências da terra; o registro da quase totalidade de livros do DNOCS reeditados pela Coleção; a coleção em cinco volumes sobre as *Sesmarias do Rio Grande do Norte*, baseados em cópia de Pedro Militão; a coleção completa das *Falas e Relatórios dos Presidentes da Província do Rio Grande do Norte – 1835-1888*; as centenas de obras discutindo a seca (Rosado, 2005: 09-17).

No mesmo texto, tem-se uma mostra do que talvez desfaça a dúvida sobre a questão da diretriz, exposta no início deste texto. Sobre o *Boletim Bibliográfico*, a ideia matriz da Coleção Mossoroense, diz abertamente Vingt-un: “queríamos imitar a nomenclatura de São Paulo” (Rosado, 2005: 08). O patrono dessa nomenclatura foi Mario de Andrade, mediador cultural que mantinha laços com Câmara Cascudo. E sobre Câmara Cascudo e sua obra, Vingt-un se orgulhou de ter jogado luz no que Natal teria deixado à sombra:

As celebrações do centenário em Natal foram admiráveis, mas no passado, a cidade muitas vezes foi omissa na valorização do maior potiguar de todos os tempos.

Ninguém é profeta em sua terra, mas o "provinciano incurável" o foi, vantajosamente, derrotando todas as profecias e se tornando cidadão do mundo, conhecido e louvado em todo recanto de qualquer país, onde houvesse um culto à inteligência.

Só que Natal estava sendo injusta para com Cascudo.

"Alma Patrícia" é o seu primeiro livro, publicado em 1921.

A Coleção Mossoroense reeditou-o em 1991, 70 anos depois.

"Histórias Que o Tempo Leva" é de 1924, a Coleção o reeditou em 1991, 67 anos após.

"Joio" de 1924, esperou também 67 anos pela Coleção Mossoroense.

"Lopez Paraguay" é de 1927, como os três primeiros, ficara adormecido em Natal, até que Mossoró o redescobriu.

Mossoró ressuscitou os quatro primeiros livros do mestre, esquecidos da inteligência natalense durante mais de meio século (Rosado, 2005: 12-13).

Havia método e havia diretriz: colocar Mossoró no mapa da cultura letrada nacional.

O caso de Vingt-un Rosado e da *Coleção Mossoroense* pede uma análise que combine os conceitos de cultura política e política cultural, em uma tentativa de ver as particularidades de uma experiência duradoura no interior do Nordeste. Algumas particularidades aqui expostas e a tentativa de vê-las na difícil unidade a ser estabelecida para um projeto tão multifacetado apontam, no mínimo, para a necessidade de reconhecer em um projeto de nascedouro autoritário uma atuação pautada por refinada mediação.

O mergulho na *Coleção Mossoroense* e a percepção das estratégias nela adotadas por seu idealizador mostram a clareza da comunicação de ideias e a prática da intervenção sem recorrer à violência das armas, mas tão somente ao poder de palavras repetidas, repetidas, repetidas.

Referências bibliográficas

ALBIERE, Sara. História pública e consciência histórica. In ALMEIDA, Juniele Rabelo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (orgs.). *Introdução à história pública*. São Paulo: Letra e Voz, 2011, p. 19-27.

BOBBIO, Norbert. *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. Trad.: Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Ed. Unesp, 1997.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. 2ª ed. Trad.: Cleonice P. B. Mourão; Consuelo F. Santiago. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

FELIPE, José Lacerda Alves. *A (re)invenção do lugar: os Rosados e o País de Mossoró*. João Pessoa: Grafset, 2001.

FERNANDES, Paula Rejane. *A escrita de si do intelectual Jerônimo Vingt-un Rosado Maia: arquivos pessoais e relações de poder na cidade de Mossoró (RN) – 1920-2005*. 2014. 210 f. Tese (Doutorado em História Social das Relações Políticas) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória-ES, 2010.

FICO, Carlos. João Goulart e a “Operação Brother Sam”. In _____. *O grande irmão: da operação Brother Sam aos anos de chumbo. O governo dos Estados Unidos e a ditadura militar brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 65-123.

GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patricia Santos (Orgs.). *Intelectuais Mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Trad.: Wilma Patrícia Maas, Carlos A. Pereira, César Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio, 2006.

MENDES, Fabiano. O caos com causa: Vingt-un Rosado e o veio político da construção identitária na Coleção Mossoroense. In: COSTA, Bruno Balbino; FERNANDES, Saul Estevam (orgs.). *Capítulos de história intelectual do Rio Grande do Norte*. Natal: IFRN, 2018.

PÉCAUT, Daniel. A geração dos anos 1920-40. In: _____. *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação*. Trad.: Maria Júlia Goldwasser. São Paulo: Ática, 1998.

ROSADO, Dix-sept. *Atividades culturais do segundo ano da minha administração municipal*. Mossoró-RN: Coleção Mossoroense, 1991 – Série B, n. 1064. (texto original: Boletim Bibliográfico, n. 22, de 31-03-1950).

ROSADO, Vingt-un. *A Coleção Mossoroense e sua história de 56 anos de teimosia*. Mossoró-RN: Coleção Mossoroense, 2005 – Série B, n. 2711.

_____. *Na elite intelectual da Mossoró de 1915 a presença de um avô de Rachel de Queiróz*. Mossoró-RN: Coleção Mossoroense, 1995 – Série B, n. 1282.

_____. *Um autorretrato*. Mossoró-RN: Coleção Mossoroense, 1998 – Série B, n. 1573.

_____. *Um Programa de Difusão Cultural em 1949*. Mossoró-RN: Coleção Mossoroense, 1991 – Série B, n. 892.

_____. *Umhas tantas incursões pelo chão da cultura* – discurso pronunciado no V Forum Cultural de Mossoró – 14-08-1993. Mossoró-RN: Coleção Mossoroense, 1993 – Série B, n. 1264.

SIRINELLI, Jean-François. As elites culturais. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (orgs.). *Para uma história cultural*. Trad.: Ana Moura. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

_____. Os Intelectuais. In RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. 2ª ed. Trad.: Dora Rocha. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003, p. 231-269.